

FERREIRA, Patrícia Martinho

ÓRFÃOS DO IMPÉRIO. Heranças coloniais na literatura portuguesa contemporânea.

Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2021, 274 pp.

Jorge Vicente Valentim*

valentim@ufscar.br

Gênero muitas vezes considerado sob a tutela da fluidez, da hibridização e da multiplicidade, o ensaio tem sido tratado sob as mais diversas formas e com caminhos teóricos mais variados, sempre na tentativa de captar a sua funcionalidade e seus mecanismos de construção. Esse “gênero intranquilo”, como bem define João Barrento (2010), resguarda as marcas do seu/da sua autor(a) ao expressar o seu “*espanto original*” diante do objeto escolhido para as suas reflexões, num movimento incessante e dinâmico que tudo interroga, culminando numa “*peripécia da inteligência*” (Barrento 2010, p. 34).

Esse brevíssimo preâmbulo vem bem ao caso para apresentar o mais recente trabalho de Patrícia Martinho Ferreira, Visiting Assistant Professor da University of Massachusetts / Amherst (USA), sobre obras ficcionais cujo eixo temático centra-se num período histórico recente de Portugal: a guerra colonial, a posterior independência dos países africanos, a perda dos territórios ocupados e as heranças pressentidas em obras literárias portuguesas, cujas tramas podem “ajudar a iluminar um determinado período histórico” (Ferreira 2021, p. 18).

Seja pelo viés da memória, seja pela ótica crítica em relação àqueles que retornaram dos diferentes espaços africanos, a proposta de leitura da ensaísta não deixa de ser ousada e necessária em tempos que a ciência, a educação, a história e a própria memória cultural passam por um tenso processo de questionamento por forças negacionistas e solapadoras das suas heranças. Ao sublinhar que “a experiência colonial e o seu crepúsculo afetaram e continuaram a afetar a sociedade portuguesa, emergindo, com maior ou menor visibilidade, na produção literária” (*ibidem*), a autora reitera não só o legado colonialista ainda pressentido na atualidade, como também a necessidade de se encarar o tema de maneira frontal, buscando obras ficcionais que contribuem para pensar esse passado, para, enfim, compreender as *nuances* e as complexidades contemporâneas.

* Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, Brasil. Bolsista Produtividade em Pesquisa/CNPq. ORCID: 0000-0002-9275-9801.

Nesse sentido, a ideia de analisar textos de diferentes momentos da literatura portuguesa, sob o viés da *orfandade* de um pretense império, enquanto marcas de “heranças coloniais” (*idem*, p. 20) não poderia ser mais adequada, na medida em que, tal como esclarece na introdução, as obras gestadas por difentes gerações – a que viveu na maturidade o ocaso da ditadura salazarista, os momentos da revolução de abril de 1974, o colonialismo e os conflitos armados coloniais; a que vivenciou no frescor da juventude a transformação redemocratizadora de Portugal; e, por fim, a que cresceu depois do evento dos capitães de abril e das independências africanas – oferecem um espectro em maior ou menor grau das condições colonial e pós-colonial e as transformações sentidas e experimentadas nas últimas quatro, cinco décadas.

Arriscar-se-ia conjecturar que as escolhas dos títulos poderiam ser outras. Claro, afinal, as seleções e as triagens para certos estudos não deixam de ser arbitrárias e carregam muito das inquietações de quem as opera. No entanto, se considerarmos que a reflexão de Patrícia M. Ferreira segue os passos daquela categorização do ensaio, enquanto “registro de conexões no convívio íntimo com as coisas” (Barrento 2010, p. 36), então, o(a) leitor(a) compreenderá que a reunião de nomes, como António Lobo Antunes, Lídia Jorge, Carlos Ferraz, Eduardo Bettencourt Pinto, Margarida Paredes, Dulce Maria Cardoso, Isabela Figueiredo, Paulo Faria, Aida Gomes, Sandro William Junqueira e Djaimilia Pereira de Almeida, funciona plenamente no jogo de leitura e reflexão estabelecido, posto que cada um dos textos escolhidos revela a face intranquila do pensar da autora, além de explicitar a sua intimidade analítica com cada um dos títulos eleitos, numa confirmação plena do seu “espírito crítico como traço essencial do ensaio” (Goulart 2010, p. 91).

E isso tanto pode ser contatado na exposição da fundamentação teórico-crítica, para explicar a absorção e utilização dos conceitos-chave (‘órfão’ e ‘orfandade’), em que circula por ensaístas e investigadore(a)s das diferentes áreas das Humanidades, como Eva König, Claudia Nelson, William Floyd, April Mattix, Dirk Mattson, Diana Pazicky e Paul Gilroy, dentre outro(a)s, quanto pode ser verificado em cada uma das seções destinadas à leitura crítica dos romances (e contos) escolhidos.

Há momentos, inclusive, de um mais puro e refinado senso crítico, sem perder de vista um generoso apontamento e um sedutor convite para o leitor também acompanhar a necessária e profunda ponderação sobre a matéria tratada, tal como ocorre na sua arguta análise do romance *Os pretos de Pousaflores*, de Aida Gomes:

[...] ao refletir sobre a mundividência de Silvério depois da sua chegada a Pousaflores, dir-se-á, pois, que este colono-emigrante não consegue encetar o luto pela perda da terra africana. A sua reação à perda do objeto amado – África – não implica a reestruturação do presente em prol do seu futuro e, por extensão, do futuro dos filhos; pelo contrário, renuncia completamente a esse papel. (Ferreira 2020, p. 102)

Realizar o luto para compreender a orfandade. Talvez, este seja um dos aspectos mais instigantes e convidativos desse ensaio. Não à toa, o mesmo mote irá permear as leituras seguintes, sobretudo, as dos romances *O Tibete de África*, de Margarida Paredes, e *A noite das mulheres cantoras*, de Lídia Jorge. No primeiro, as suas inferências são cirúrgicas e pontuais, posto que considera, na trajetória de Ana, a

protagonista da primeira obra, “a história dos herdeiros dos colonos, aqueles que guardaram os silêncios e as memórias dos pais, assim como as suas (em muitos casos, vagas) memórias de infância” (*idem*, p. 135). E, no segundo, escrutina cirurgicamente as *nuanças* do “debate sobre o fim do império e o retorno dos colonos” (*idem*, p. 144) e a maneira sensível com que Lídia Jorge tece uma “reflexão sobre os resquícios do colonialismo em tempos pós-coloniais, exacerbados por uma lógica promotora tanto da aniquilação dos valores individuais perante o coletivo quanto da fama a qualquer custo” (*ibidem*).

Mas, é exatamente nas seções finais (“As dores dos herdeiros mestiços” e “À procura de um olhar decolonial”) que Patrícia Martinho Ferreira atinge o ápice daquela condição de “livre exercício da inteligência” e de “processo de conhecimento” (Goulart 2010, p. 96) dinâmico, tão peculiares ao gênero ensaístico. Isto porque, no meu entender, a investigadora esgarça o leque de possibilidades teórico-críticas e traz, para o palco das discussões, não só conceitos complexos na sua abordagem – como o título do capítulo 4 bem demonstra –, mas também obras que abordam frontalmente essas mesmas complexidades, como é o caso, por exemplo, de *O esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes. Segundo Ferreira, a obra em questão devassa de forma contundente e inédita na literatura portuguesa o “difícil processo de integração dos filhos dos colonos em Portugal” (Ferreira 2021, p. 170).

De forma muito perspicaz, ao provocar uma sedutora leitura pelo viés da decolonialidade – corrente teórica mais assente na linha das “Epistemologias do Sul”, como dirão Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010) –, a autora dá visibilidade a uma série de narrativas que, “já não abordando diretamente o retorno dos colonos e seus descendentes, continuam a revisitar a herança colonial e, em particular, a incidir sobre as repercussões desses processos históricos na contemporaneidade” (Ferreira 2021, p. 213).

Sem fugir, portanto, do eixo central e condutor de sua análise – a orfandade, seus reflexos e suas ressonâncias na ficção portuguesa contemporânea – e sem cair na armadilha de uma romantização fácil do mesmo, o presente trabalho pode, com certeza, ser incluído naquela categoria do ensaio “mais científico, às vezes mesmo destinado a provas acadêmicas, exigentemente estruturado, pensando argumentos, ajuizando após ter carregado informação alheia como discurso de autoridade que se adota, se ultrapassa ou se rejeita” (Goulart 2010, p. 96), posto que se trata de uma Tese de Doutorado, defendida na Brown University, em forma materializada de livro.

No entanto, gosto de pensar que, para além desse formato, justo e preciso do cuidadoso estudo operado pela investigadora portuguesa, há também, nas páginas do seu *Órfãos do Império*, aquele mesmo ímpeto “criativo, errante, não sistemático, imaginativo, assumidamente subjectivo, [e por que também não dizer?] autobiográfico” (Goulart 2010, p. 96), mais próximo de uma linhagem montaigniana, pelo tanto de apaixonado e sedutor pendor analítico, sem perder de vista o rigor científico que seu trabalho demanda.

Ao contrário de fechar os olhos para a produção mais atual da ficção portuguesa, a jovem investigadora oferece, com *Órfãos do Império*, uma leitura atenta, necessária e urgente da produção literária contemporânea, e dá visibilidade a escritore(a)s mais

recentes ao lado de outro(a)s, já consagrado(a)s pelo cânone, num salutar convívio de diferentes gerações, sem estabelecer entre elas uma hierarquia ou uma fronteira divisória.

Tem razão Leonor Simas-Almeida, ao assinar o prefácio e declarar que o presente ensaio constitui uma contribuição inestimável não só pela abordagem corajosa, ousada e extremamente atual, mas também pela originalidade e pioneirismo em “abrir caminhos mais amplos”, onde “o exame detalhado de lugares e cronologias do colonialismo e da descolonização realizado em *Órfãos do Império*, potencialmente, nos transporta à reflexão sobre fenómenos de coletiva deslocação forçada, isto é, de desterritorialização de grandes massas populacionais, que constituem um dos eventos globais mais preocupantes dos tempos que correm” (in Ferreira 2021, p. 15).

Como investigador e formador de leitor(a)s da novíssima ficção portuguesa no Brasil, não posso deixar de fervorosamente saudar a autora, Patrícia Matinho Ferreira, pelo belíssimo ensaio e pela leitura arrojada e corajosa proposta em seu *Órfãos do Império*. Vem em boa e propícia hora, para que outro(a)s leitor(a)s se sintam motivado(a)s a entrar por esse caminho aberto por ela e a continuar por essas mesmas veredas.

Ora, não será esse um dos objetivos do gênero ensaístico, qual seja, o de ensaiar, “com a medida de tempo e de espaço que lhe convém, formas de escrita que o levam [nos levam?] a pensar também de forma crítica e livre o próprio campo cultural que o gera” (Barrento 2010, p. 79)? Pois assim se confirmando, *Órfãos do Império* realiza e cumpre plenamente o seu papel.

Referências

- Barrento, J. (2010). *O género intranquilo: Anatomia do ensaio e do fragmento*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Goulart, R. M. (2010). O ensaio: convenções de género e opções discursivas. In R. M. Goulart (Coord.). *Poéticas do ensaio* (pp. 85–97). Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra; Universidade dos Açores.
- Santos, B. de Sousa & Meneses, M. P. (Orgs.) (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.

[recebido em 14 de novembro de 2020 e aceite para publicação em 16 de janeiro de 2022]